



Variação da lateral palatal /ʎ/ em comunidades indígenas

Fábio Luidy de Oliveira Alves¹
Marilucia Barros Oliveira²

RESUMO:

Trata o presente artigo da variação da lateral palatal /ʎ/ em quatro comunidades indígenas localizadas no estado do Pará, mais especificamente no Médio Xingu. São elas: Itaaka, Kwatinemo, Ipixuna e Pakaña. As duas primeiras comunidades são habitadas pelos Asuriní do Xingu e as duas últimas, pelos Araweté. Faz-se uma análise geossociolinguística em que se avalia fatores internos (contextos linguísticos precedente e subsequente) e externos (espaço, sexo e faixa etária). Os resultados são comparados a outros estudos desenvolvidos no Pará sobre a referida variação e mostram que, diferentemente do se encontrou para cidades paraenses, nas comunidades indígenas estudadas a variante [j] ainda resiste.

PALAVRA-CHAVE:

Concordância verbal;
Português indígena;
Karipuna do Amapá.

¹ Doutorando do curso de Letras da Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de Letras e Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetoлогия. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5683-6542> E-mail: fabio-luidy@hotmail.com

² Professor da Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetoлогия (variação fonética, palatalização, lateral alveolar; Teoria linguística (Fonologia de Geometria de Traços) e em Ensino-aprendizagem (gêneros textuais, recursos tecnológicos e ensino de língua materna e EAD). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2069-6191> E-mail: oliveira.marilucia@gmail.com

1 Introdução

Coutinho (1976), ao tratar de grupos formados de consoante mais semivogal, diz merecer atenção especial o grupo que se constitui de consoante mais a semivogal *i*. Nesses grupos, diz o autor, “a consoante se palataliza, ou se assibila, ou se mantém inalterável”. O autor oferece como exemplos os seguintes casos: *lli*, *li* > *lh*: *alliu* > *alho*, *milia* > *milha*, *ervilia* > *ervilha*, *alienu* > *alheio*, *filiu* > *filho*, *mortalia* > *mortalha*.

Tarallo (1994) explica que a lateral palatal /lh/ não fazia parte do inventário fonológico do latim. As palatais lateral e nasal aparecem em decorrência do surgimento das médio-palatais que abriram espaço para que se desse a simetria entre laterais e nasais. Observe-se o quadro 1, adaptado de Câmara Jr. (1985), em que as consoantes que não faziam parte do sistema latino aparecem entre parênteses:

Quadro 1 - Sistema fonológico latino/português

Sistema fonológico latino/português						
Oclusivas	/p/	/b/	/t/	/d/	/k/	/g/
Constritivas	/f/	(/v/)	/s/	(/z/)	(/ʃ/)	(/ʒ/)
Nasais	/m/		/n/		(/ɲ/)	
Líquidas			/l/		(/ʎ/)	
			/r/			
			(/r̄/)			

Fonte: Adaptado de Câmara Jr. (1985, p. 50).

Pode-se notar que as palatais são simétricas às alveolares que já existiam no latim. As informações a respeito da evolução do sistema consonantal latino para o Português dão a conhecer que são produtivas as palatalizações diante de vogais frontais. A introdução desses novos fonemas no sistema fonológico do Português evidencia a tendência da língua para a palatalização. Mas, se os estudos apontam a ocorrência de palatalização no PB, de outra parte, há que se considerar casos em que ocorre a despalatalização, iotização ou apagamento, quando se trata da variação da lateral palatal /ʎ/.

A variação da lateral palatal /ʎ/ no português brasileiro foi tema de diversos estudos, muito por conta dessa variável estar relacionada a diferentes fenômenos linguísticos. A realização [ʎ] predomina na variedade linguística do Pará, com 97% de frequência; já a realização iotizada [j] mostra-se coadjuvante com 2%, segundo Fernandes e Razky (2014).

Entretanto, em algumas comunidades indígenas do Pará, como as Asuriní do Xingu e Araweté, a iotização do /ʎ/ é bastante frequente. Os resultados apresentaram

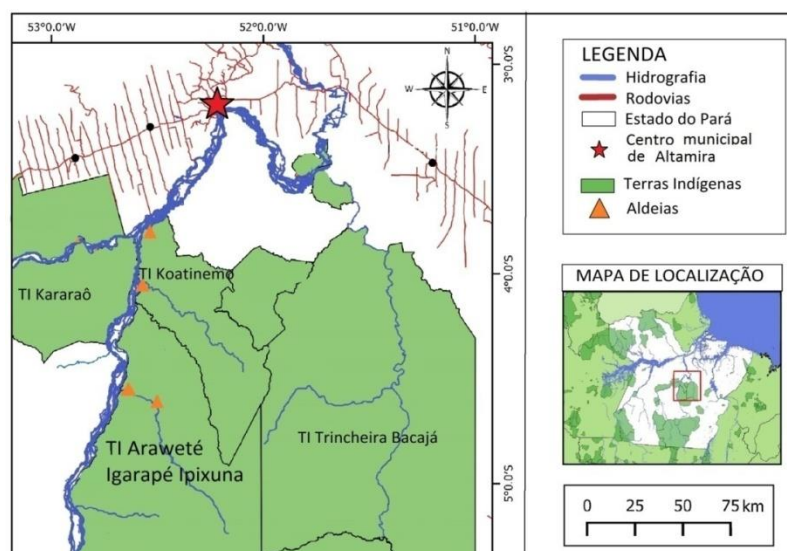
a atuação de fatores de ordem geográfica, social e linguística no favorecimento de [j] no português falado nessas comunidades.

Os Asuriní do Xingu e os Araweté habitam na região central do Pará; são algumas das etnias indígenas falantes de línguas pertencentes à família linguística Tupi-Guarani, bem como falantes de português. As seções seguintes, de forma sucinta, tratam do contexto da pesquisa, apresentando-se o perfil sociolinguístico das comunidades, do comportamento da lateral palatal /ʎ/ no Pará, dos procedimentos metodológicos adotados, bem como dos resultados referentes à variação do fenômeno em estudo.

2 Breve contexto sociolinguístico das comunidades indígenas

As comunidades Asuriní e Araweté estão localizadas na região central do Pará, nos limites do município de Altamira e a cerca de 80 a 150 km de distância da cidade e sede de Altamira, a depender da comunidade. A seguir, apresenta-se a localização das comunidades indígenas.

Figura 1 - Localização dos territórios indígenas



Fonte: elaborado pelos autores

Os Asuriní foram os primeiros a apresentarem efetivo contato com a sociedade envolvente, nos de 1980. Por sua vez, os Araweté só manifestaram contato efetivo após os anos 2000, quando passaram a habitar às proximidades do rio Xingu. Essa realocação foi feita pela FUNAI para facilitar a interação entre seus agentes e os indígenas, o que possibilitou também a interação contínua destes com a sociedade envolvente.

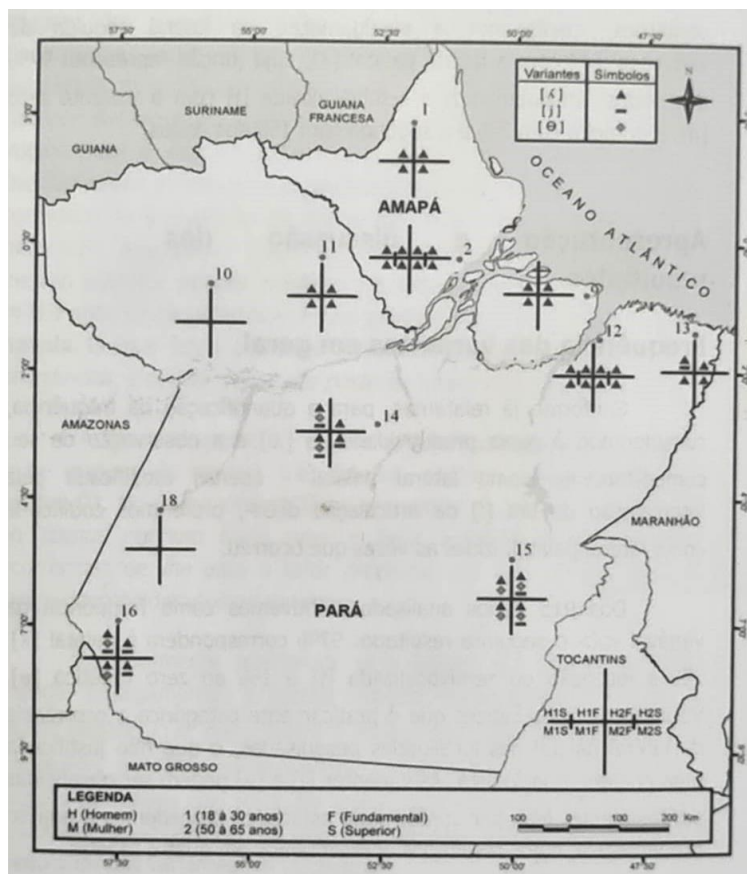
O isolamento maior dos Araweté fez com que os seus habitantes preservassem mais os seus costumes, bem como apresentassem um português com muitas restrições, em relação aos vizinhos Asuriní. Porém, a interação dos indígenas com a sociedade envolvente se tornou muito intensa durante a construção da usina Hidrelétrica de Belo Monte, na região do Médio Xingu, na década de 2010. Tanto os jovens quanto os homens indígenas assimilaram bastante a cultura dessa sociedade, devido a apresentarem mais contato com ela. Uma das consequências desse contato foi o desenvolvimento mais regular da língua portuguesa apresentado por esses grupos.

Atualmente, as comunidades indígenas caracterizam-se pela presença de bilinguismo, porém com graus distintos de proficiência em suas línguas, a depender da localização das comunidades, do sexo e das gerações. Por exemplo, os jovens e os homens Asuriní e Araweté dominam melhor a língua portuguesa do que os mais velhos e as mulheres (ALVES, 2018).

3 A lateral palatal /ʎ/

O estudo feito por Soares (2008) foi o primeiro a tratar da variação da lateral palatal /ʎ/ no português falado no Pará e destacou que os municípios de Marabá e Altamira, localizados mais ao sul do estado, são um dos poucos locais que favorecem a variante [j]. Os dois municípios apresentaram influências de falares nordestinos, em que o fenômeno da iotização é característico, sobretudo, em decorrência da migração de pessoas do Nordeste do Brasil para a região Norte, atraídas pela economia da borracha, no século XIX. Em estudo posterior, a partir de dados do Projeto *Atlas Lingüístico do Brasil* (ALiB), Fernandes e Razky (2014) apontaram a preferência pela realização lateral palatal [ʎ] na fala urbana em todas as cidades pesquisadas do Pará. A seguir, apresenta-se o mapeamento de /ʎ/ com base no estudo referido.

Figura 2 - Mapeamento das variantes de /ʎ/ no Pará³



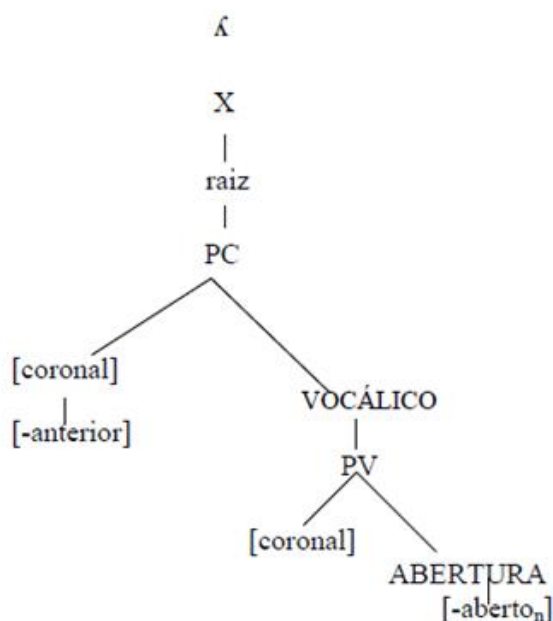
Fonte: Fernandes e Razky (2014)

Com base na carta disposta na figura 2, apenas Marabá, Altamira e Jacareacanga apresentaram frequência de cerca de 90% de [ʎ]. A parte sul do Pará, representada por essas três cidades, é onde [ʎ] é menos frequente, com base em Fernandes e Razky (2014). Nas demais cidades, o índice dessa variante chega a 99% de frequência. Com isso, percebe-se que a variante lateral palatal é predominante no português falado no Pará.

Em termos fonológicos, Oliveira (2007) interpreta a lateral palatal como um segmento complexo, com base na Fonologia de Geometria de Traços (FGT), proposta por Clements e Hume (1995). Propõe duas articulações que se localizam abaixo do ponto da consoante (PC), como mostra a figura 3; sendo uma articulação primária, de natureza consonantal; e uma articulação secundária, de natureza vocálica. Eis a representação proposta pela autora.

³ Indicação das cidades: Soure (09), Almeirim (11), Belém (12), Bragança (13), Altamira (14), Marabá (15), Jacareacanga (16)

Figura 3 - representação da lateral palatal /ʎ/



Fonte: Oliveira (2007)

A autora interpreta a formação de [j] como resultado do desligamento da articulação primária de /ʎ/, o que forma [j]. Essa é a interpretação que também se adota no presente artigo.

4 Metodologia

Para o estudo da lateral palatal /ʎ/ nas comunidades Asuriní e Araweté, procederam-se as orientações metodológicas da Geossociolinguística. Ela considera concomitantemente em sua investigação o fator espacial, social e linguístico (LIMA; RAZKY; OLIVEIRA, 2020). As variáveis definidas para a análise concentram-se nas comunidades, sexo e faixa etária (fatores externos) e nos contextos linguísticos precedente e subsequente (fatores internos). A definição desses fatores recai sobre sua relevância às análises do /ʎ/. A seguir, apresentam-se as comunidades pesquisadas.

Tabela 1 - Comunidades pesquisadas

Ponto	Comunidade	Etnia	Habitantes
1	Itaaka	Asuriní do Xingu	56

2	Kwatinemu	Asuriní do Xingu	135
3	Ipixuna	Araweté	80
4	Pakaña	Araweté	80

Fonte: elaborado pelos autores

Em cada comunidade aplicaram-se questionários a quatro pessoas estratificadas. Ao todo, a pesquisa contou com 16 colaboradores, e sua estratificação social leva em conta a faixa etária, bem como o sexo, como se apresenta, a seguir.

Tabela 2 - Perfil dos colaboradores

Colaboradores	Representação
Homem entre 18 e 25 anos	Homem – Faixa etária A
Homem entre 35 e 45 anos	Homem – Faixa etária B
Mulher entre 18 e 25 anos	Mulher – Faixa etária A
Mulher entre 35 e 45 anos	Mulher – Faixa etária B

Fonte: elaborado pelos autores

Os dados foram coletados por meio dos questionários fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL) do projeto ALiB (CARDOSO et al., 2014), realizada durante os anos de 2017 e 2018. A seguir, apresenta-se a lista de vocábulos em que consta a variável analisada no presente estudo.

Lista 1 - Vocábulos que integraram o *corpus*

Vocábulos	
Realizado apenas com [ʎ]	Realizado com [ʎ] e com [j]
<i>barulho, vermelho, zarolhudo, julho, velha, trabalhador</i>	<i>medalha, trabalha, molhada, mulher, cambalhota, filho, joelho, milho, olho</i>

Fonte: elaborado pelos autores

Os grupos de fatores linguísticos investigados foram dois. A definição deles se deve a serem grupos comumente avaliados em estudos de variação fonética e

significantes para a iotização da lateral palatal no português. A seguir, apresentam-se os fatores internos controlados.

Tabela 3 - Fatores linguísticos

Grupo de fator	Fator⁴
Contexto precedente	i / e / a / o / u
Contexto subsequente	e / a / o / u

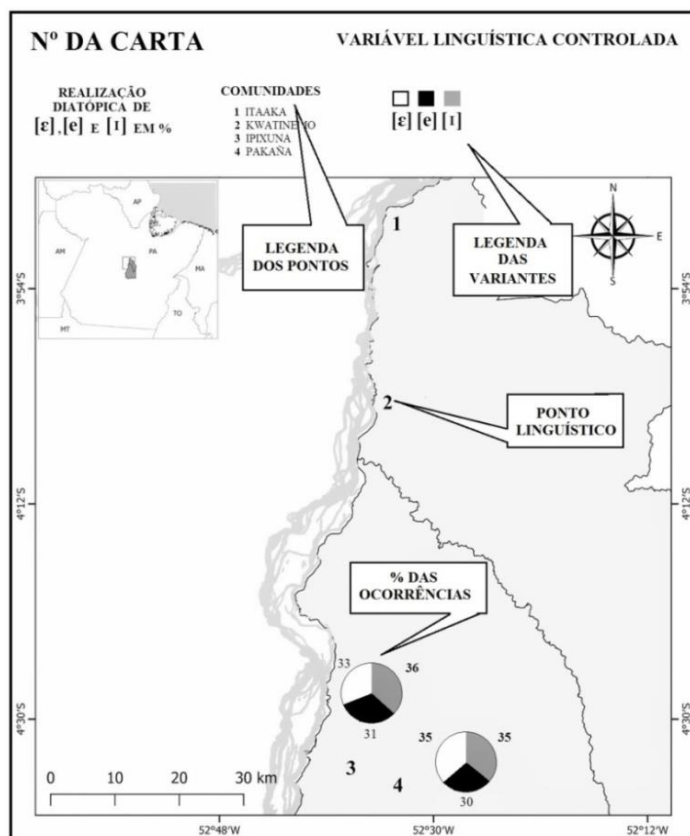
Fonte: elaborado pelos autores

Por meio do programa estatístico *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), fez-se o tratamento estatístico dos cinco grupos de fatores, para avaliar o desempenho deles na variação do /ʎ/, considerando-se na análise as variantes [ʎ] vs [j]. O programa estipula pesos relativos de 0 a 1.00, calculado para de cada variável independente, e considera o valor .50 como peso neutro. Os pesos acima desse valor indicam favorecimento à variante selecionada e, abaixo, apontam o desfavorecimento.

Com a obtenção dos resultados diatópicos, foi feita a confecção das cartas linguísticas, a partir do programa computacional QGIS 2.18. A seguir, apresenta-se uma carta com finalidade explicativa.

Figura 4 - Carta explicativa

⁴ Os contextos linguísticos identificam-se por: (i) - [i]; (e) - [e/ɛ]; (a) - [a]; (o) - [o/o]; (u) - [u].



Fonte: elaborado pelos autores

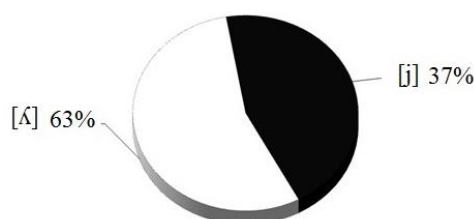
As cartas linguísticas apresentam apenas resultados percentuais. O fator diatópico foi o único em que a avaliação se pautou sobre resultado percentual. Para os demais fatores, as discussões levam em consideração o peso relativo, discutindo o favorecimento ou não para cada variante analisada, bem como a probabilidade de aplicação da regra de palatalização ou iotização.

4 A lateral palatal /ʎ/: apresentação e discussão dos resultados

A análise da variação da lateral palatal avalia os resultados das realizações [ʎ] e [j], as duas variantes mais frequentes nos dados, a partir de 104 ocorrências. Não houve ocorrência de apagamento da lateral palatal. Quatro grupos de fatores foram significativos à variação do /ʎ/, a saber: os contextos diatópicos, diassexual, linguístico subsequente e linguístico precedente. A seguir, apresenta-se o resultado geral da variação do /ʎ/.

Gráfico 1 - Variação da lateral palatal /ʎ/

Variação da lateral palatal /ʎ/



Fonte: elaborado pelos autores

O comportamento da lateral palatal no português falado pelos Asuriní e pelos Araweté é um pouco distinto do que se registra na variedade linguística do Pará, a partir do estudo de Fernandes e Razky (2014), haja vista que a variante [j] é bastante frequente variedade dos indígenas, quando comparada com a que se detectou em cidades paraenses. Porém, para informações mais consistentes, é necessário avaliar os fatores⁵ internos e externos que condicionam a frequente iotização do /ʎ/ no português destas comunidades indígenas.

A alta frequência da iotização do /ʎ/ pode ser também um reflexo da fonologia das línguas Asuriní do Xingu e Araweté. Essas duas línguas não dispõem de consoantes laterais, embora seja produtiva a ocorrência de formas com traço palatal. A seguir, apresentam-se os sistemas fonético e fonológico das duas línguas indígenas investigadas.

Figura 5 - Sistema fonológico e fonético da língua Asuriní do Xingu

Sistema fonológico				Sistema fonético			
p	t	k	ʔ	p p ^h	t t ^h	k k ^h	ʔ
		kw		b	d	g	
m	n	ŋ		m	n	ɲ	
ɸ			h	mb	nd	ŋg	
β		tʃ		ɸ	ʃ		h
		dʃ		β	ʒ		
	r				tʃ		
w		j			dʃ		
				w	r		j

Fonte: Pereira (2008) (adaptado)

A figura que segue destaca o sistema fonético e fonológico da língua Araweté.

⁵ O resultado apresentou significância de 0.001. Os contextos diatópico, diassexual, linguístico subsequente e precedente se mostraram significativos.

Figura 6 - Sistema fonológico e fonético da língua Araweté

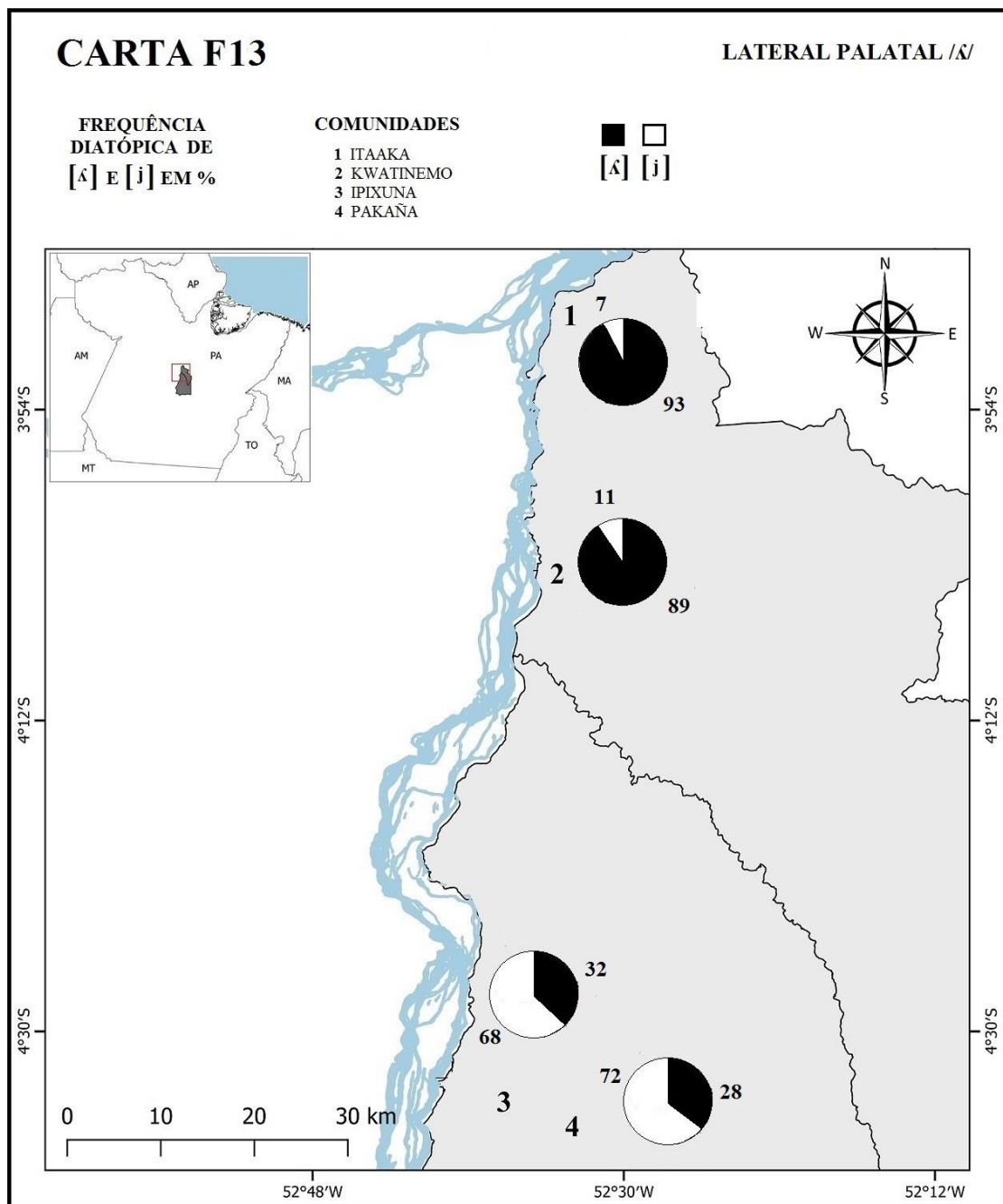
Sistema fonológico				Sistema fonético			
p	t		k	ʔ			
	d						
m	n				ɲ		
			h				h
		tʃ					
w	r				ʒ	tʃ	
		j			dʒ		
				w	r		j

Fonte: Solano (2008) (adaptado)

O uso da iotização no português falado nas comunidades indígenas pode ter sofrido interferência das línguas Asuriní do Xingu e Araweté, haja vista que /ʎ/ não integra os sistemas fonético-fonológicos dessas línguas, mas, em contrapartida, a consoante aproximante [j] é encontrada. Câmara Jr (1979) entendia que esse fenômeno poderia ser oriundo do substrato de línguas indígenas em algumas variedades do português, já que as populações indígenas teriam dificuldade para articular a lateral palatal.

4.1 Atuação do espaço sobre o /ʎ/

Os resultados referentes à variável espacial indicam que a variante [ʎ] é mais frequente nas comunidades mais próximas da cidade de Altamira. Por sua vez, a iotização apresenta maior frequência nas comunidades mais distantes da cidade, como se atesta, a seguir.

Figura 7 - Carta F13⁶ – Lateral palatal /ʎ/ (diatópica⁷)

Nos pontos 1 e 2, comunidades Asuriní, é mais frequente [ʎ]. As comunidades Araweté, pontos 3 e 4, apresentam maior frequência para [j]. Quanto mais distante a comunidade está, em relação à cidade de Altamira, há menos ocorrência de /ʎ/.

⁶ F13 refere-se à décima terceira carta confeccionada à pesquisa de Alves (2023), da qual este estudo compartilha dados.

⁷ Pesos relativos diatópico para a lateral palatal [ʎ]: 1 (.84), 2 (.77), 3 (.16), 4 (.13)

Destaque-se que essa cidade apresenta elevado índice de [ʎ], com frequência de 90%, conforme registrado em Fernandes e Razky (2014).

Pode-se pensar que a alta frequência de [ʎ] no português das comunidades mais ao entorno da cidade de Altamira seja um reflexo da atuação da variedade linguística dessa cidade, impulsionado pelos Asuriní, os quais mantêm um contato mais intenso com ela. Cabe ressaltar que não parece ser o traço palatal o responsável pelas não ocorrências de [ʎ], já que [j] também apresenta esse traço. Mas talvez seja possível inferir que a ausência de fonemas laterais nas línguas indígenas favoreça o uso de [j].

4.2 Atuação do sexo sobre o /ʎ/

Em relação ao fator sexual, apresentam-se os resultados obtidos, na tabela 4.

Tabela 4 - Peso relativo para a lateral palatal [ʎ] (diassexual)

Sexo	Homem	Mulher
Variantes	[ʎ]	[ʎ]
Peso relativo	.41	.59

Fonte: elaborado pelos autores

A partir dos resultados dos pesos relativos, o sexo feminino se mostrou favorecedor de [ʎ] e, por sua vez, o masculino desfavoreceu essa variante. Esperava-se que a iotização do /ʎ/ fosse favorecida pelas mulheres, grupo que apresenta um português mais instável nas comunidades, sobretudo, por ter menos contato com a variedade linguística da sociedade envolvente.

Neste caso, percebeu-se que os dados diassexuais das comunidades mais distantes da cidade de Altamira, as Araweté, prevaleceram para o resultado, haja vista que [j] obteve 88% de frequência entre os homens e 56% entre as mulheres. Nas comunidades Asuriní, ambos os sexos preferiram [ʎ], com cerca de 90% de frequência para cada.

4.3 Atuação da faixa etária sobre o /ʎ/

Sobre a análise do fator etário, destacam-se os resultados, na tabela 5.

Tabela 5 - Peso relativo para a lateral palatal [ʎ] (diageracional)

Faixa etária	A	B
Variantes	[ʎ]	[ʎ]
Peso relativo	.57	.43

Fonte: elaborado pelos autores

A faixa etária A é a que favorece [ʎ] nas comunidades e elas podem estar aderindo à difusão da lateral palatal, variante que predomina no Pará, principalmente por conta dos jovens indígenas. Logo, a faixa etária B é favorável a [j].

Os resultados confirmam que a faixa etária B é a que se manifesta a favor da iotização do /ʎ/. Talvez o fato de usarem mais [j] também esteja ligado ao contato; pouco saem do espaço da comunidade, ignorando o prestígio que [ʎ] carrega; o [j], por sua vez, carrega valor positivo na comunidade que integra seu sistema fonético-fonológico. Já os jovens, mais propensos ao contato, usam a forma mais frequente em Altamira.

4.4 Atuação do contexto subsequente sobre o /ʎ/

Os resultados da atuação do contexto subsequente, considerado o mais significativo, são apresentados na tabela 6.

Tabela 6 - Peso relativo do /ʎ/ (contexto subsequente)

Contexto subsequente	[ʎ]
	Peso
e	.27
a	.34
o	.16
u	.59

Fonte: elaborado pelos autores

A maioria dos contextos subsequentes se mostrou desfavorecedor à variante lateral palatal, com exceção da vogal (u), que se apresentou de forma contrária. Para as vogais médias, houve apenas registro de variantes médio-baixas. Assim, a discussão sobre o contexto das médias levará em conta também o contexto subsequente da vogal (a), haja vista tratar-se uma vogal não alta. A lista seguinte

apresenta os dados analisados para compreensão dos resultados que desfavoreceram [ʎ].

Lista 1 - Ocorrências para o contexto subsequente (a), (e) e (o)

Vocábulo	Ocorrência [ʎ]	Ocorrência [j]	Vocábulo	Ocorrência [ʎ]	Ocorrência [j]
medalha	[mɛ'daʎa] (6)	[mɛ'daia] (3)	mulher	[mu'ʎɛ] (1)	[mu'jɛ] (4)
trabalha	[tra'baʎa] (1)	[tra'baia] (2)	cambalhota	[kãba'ʎota] (1)	[kãba'jota] (2)
molhada	[mɔ'ʎada] (1)	[mɔ'jada] (6)			
trabalhador	[trabaʎa'do] (2)				
velha	[vɛʎa] (1)				

Fonte: elaborado pelos autores

Pensa-se que a articulação não alta dos segmentos vocálicos seguintes pode ter atuado em restringir a realização da lateral palatal, o que ocasionou recorrente iotização. Mesmo que [ʎ] e [j] sejam consideradas altas, a lateral aproximante requer uma articulação menos alta da língua. Bergo (1986) salientou que nesse processo a língua perdia o seu devido apoio na abóboda palatina. Além disso, Fernandes e Razky (2014) destacaram que vogais baixas, bem como nasais não altas subsequentes atuaram no desfavorecimento da lateral palatal no português paraense, em favor de [j].

Por sua vez, entende-se que o contexto subsequente (u) foi favorável a ocorrência de [ʎ] devido à atuação de sua articulação alta. A seguir, apresentam-se os dados analisados.

Lista 2 - Ocorrências para o contexto subsequente (u)

vocábulo	ocorrência [ʎ]	ocorrência [j]	vocábulo	ocorrência [ʎ]	ocorrência [j]
filho	[f'ʎʎo] (5) / [f'jiʎo] (2)	[f'jiʎo] (5)	julho	[juʎo] (3)	-
joelho	[ʒu'eʎo] (7)	[ʒu'eio] (2)	zarolhudo	[zaro'ʎudo] (1)	-
milho	[m'ʎʎo] (15) /	[m'io] (4)	vermelho	[veh'meʎo] (2)	-

	[miʎʊ] (2)				
olho	[ˈoʎʊ] (11)	[ˈoiʊ] (12)	barulh o	[baˈruʎ ʊ] (2)	-

Fonte: elaborado pelos autores

Com base nos resultados, é possível criar dois grupos: vogal alta versus vogais não altas; as não altas favorecendo [j]. Isso indica que vogal alta inibe [j]. A realização dessa variante implicaria mais estruturas idênticas adjacentes, assim o princípio de contorno obrigatório⁸ (PCO) atuaria no sentido de manter a forma coronal consonantal entre elas.

4.5 Atuação do contexto precedente sobre o /ʎ/

Os resultados dos contextos precedentes são apresentados na tabela 7.

Tabela 7 - Peso relativo do /ʎ/ (contexto precedente)

Contexto precedente	[ʎ]
	Peso
i	.63
e	.73
a	.44
o	.31
u	.50

Fonte: elaborado pelos autores

Os resultados indicam que as vogais anteriores favoreceram [ʎ] quando em posição antecedente e as não anteriores desfavoreceram essa variante. Já a vogal (u) precedente não demonstrou favorecimento para nenhuma variante. A seguir, apresentam-se os dados analisados para a compreensão dos resultados.

Lista 3 - Ocorrências para o contexto precedente (i), (e) e (u)

vocábulo	ocorrência [ʎ]	ocorrência [j]	vocábulo	ocorrência [ʎ]	ocorrência [j]
----------	----------------	----------------	----------	----------------	----------------

8 O princípio do contorno obrigatório impede sequências adjacentes de unidades idênticas nas representações fonológicas.

<i>filho</i>	[ˈfiʎo] (5) / [ˈfiʎio] (2)	[ˈfiʊ] (5)	<i>julho</i>	[juʎo] (3)	-
<i>milho</i>	[ˈmiʎo] (15) / [ˈmiʎio] (2)	[miʊ] (4)	<i>mulhe r</i>	[muˈʎe] (1)	[muˈje] (4)
<i>joelho</i>	[ʒuˈeʎo] (7)	[ʒuˈeio] (2)	<i>barulh o</i>	[baˈruʎ o] (2)	-
<i>verme lho</i>	[vehˈme ʎo] (2)	-			
<i>velha</i>	[ˈveʎa] (1)	-			

Fonte: elaborado pelos autores

A seguir, apresentam-se os dados analisados para os contextos precedentes (a) e (o), os quais se mostraram desfavoráveis a [ʎ].

Lista 4 - Ocorrências para o contexto precedente (a) e (o)

vocábulo	ocorrência [ʎ]	ocorrência [j]	vocábulo	ocorrência [ʎ]	ocorrência [j]
<i>medalha</i>	[mɛˈdaʎa] (6)	[mɛˈdaj a] (3)	<i>olho</i>	[ˈoʎo] (11)	[ˈoio] (12)
<i>trabalha</i>	[traˈbaʎa] (1)	[traˈbaj a] (2)	<i>zarolh udo</i>	[zaro ˈʎudo] (1)	-
<i>cambal hota</i>	[kãbaˈʎo ta] (1)	[kãbaˈj ota] (2)			
<i>trabalh ador</i>	[trabaʎa ˈdo] (2)				

Fonte: elaborado pelos autores

Com base nos resultados, pode-se propor dois grupos: anteriores, de um lado, favorecendo a [ʎ], com exceção de [u], pois fica no campo neutro; e as não anteriores desfavorecendo essa variante, em favor de [j]. É possível que o PCO atue no desfavorecimento de [j] no sentido de evitar estruturas muito parecidas uma após a outra. Com [ʎ], tem-se mais um traço consonantal.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LATERAL PALATAL /ʎ/

Os fatores externos significativos para a manutenção da lateral palatal foram o diatópico, com as comunidades Asuriní favorecendo fortemente o [ʎ], e o diasssexual, em que o sexo feminino desempenhou papel favorável a essa variante. Além disso, os

mais jovens também favoreceram a lateral palatal. Por sua vez, a iotização do /ʎ/ foi favorecida nas comunidades mais distantes da cidade de Altamira, bem como pelo sexo masculino e pela faixa etária B.

O contexto subsequente foi o fator interno mais relevante. Desse modo, [ʎ] é favorecida pela vogal (u), enquanto as não altas favorecem [j]. Com relação ao contexto precedente, pode-se afirmar que as vogais anteriores (e) e (i) favorecem [ʎ]; em contrapartida as não anteriores (a) e (o) favorecem [j]. Suspeita-se que os resultados relativos aos fatores internos estejam ligados à atuação do PCO.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. L. de O. **A variedade do português falado pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté: um estudo geossociolinguístico**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- BERGO, Vitório. **Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- CÂMARA JR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CARDOSO, Suzana et al. **Atlas linguístico do Brasil**, v.1. Introdução. Londrina: EDUEL, 2014.
- CLEMENTS, G.N.; HUME, E. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. (ed.) **Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell, 1995.
- COUTINHO, I. de L.. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1969.
- FERNANDES, M. E. P.; RAZKY, A. O comportamento variável da lateral palatal /ʎ/ em Amapá e Pará. In: RAZKY, Abdelhak et al (org.). **Estudos II: geossociolinguística no estado do Pará**. Belém: EDUFMA, 2014.
- LIMA, A. F. de; RAZKY, A.; OLIVEIRA., M. B. de. A Metodologia Geossociolinguística. In: LIMA, Alcides Fernandes de; RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de (Orgs.). **Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro – Volume 2**. São Paulo: Pontes Editores, 2020.
- OLIVEIRA, Marilucia Barros de. A palatalização da lateral alveolar // em posição prévocálica no falar de Itaituba – PA. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – UFAL, Maceió, 2007.
- PEREIRA, A. A. Estudo morfossintático do Asuriní do Xingu. 2009. Tese (doutorado em linguística) - Unicamp, Campinas, 2009.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**.2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em 29/06/2023.
- SOARES, E. P. M.. As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica. 2008. Tese (doutorado em linguística) - UFC, Fortaleza, 2008.
- SOLANO, E. de J. B. Descrição gramatical da língua araweté. 2009. Tese (doutorado em linguística) - UnB, Brasília, 2009.
- TARALLO, Fernando. **Tempos Linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.



Variation of the palatal lateral /ʎ/ in indigenous communities

ABSTRACT:

This article presents the variation of /ʎ/ in four indigenous communities in the state of Pará, specifically in the Middle Xingu region. They are: Itaaka, Kwatinemo, Ipixuna and Pakaña. The first two localities are Asuriní of Xingu and the last two are Araweté. Internal (preceding and subsequent linguistic contexts) and external (space, gender and age group) factors are evaluated, in order to analyze the consonant /ʎ/ geossociolinguistically. The results show that, unlike what was found for cities in Pará, in the indigenous communities, the [j] variant still resists.

KEYWORDS:

Geossociolinguistics;
Palatal lateral;
Iotation.